

O rei censor

Ercília Macedo-Eckel

*Minha vida privada não mais
me pertence - Paulo Coelho.*

Não sei se posso publicar esse texto, sem pedir autorização do cantor Roberto Carlos para escrever seu nome. Sem estar liberada para falar sobre ele. Também não sei se desagradaria os leitores goianos. Mas como Goiânia Cultural está mais para Paul McCartney conversando com grilos do que para o “rei”, resolvi arriscar.

Impressionou-me a notícia (“Cultura”, *Veja*, 1º/5/13, p. 138) de que *Jovem guarda: moda, música e juventude*, dissertação de mestrado de Maíra Zimmermann, tivera seu lançamento barrado. Como pode a jornalista e historiadora de Santa Catarina publicar um estudo sobre moda, música e juventude dos anos 60 – sem ter, antes, a aprovação do cara de *Detalhes*? Que ousadia, bicho! “Nós liberamos?” Perguntou ele. A ilustração da capa também foi reprovada. Para Roberto Carlos não é a imagem do grupo: é uma caricatura. E se fosse uma foto da jovem guarda, então? Para pagar o uso da “imagem real” deveria a autora vender a alma, penso eu. A editora e Maíra por certo (como é do feitio do “rei”) já receberam notificação, exigindo o recolhimento da obra. Em dez dias? Talvez direitos autorais sobre ela, por configurar “exploração comercial da imagem do cantor” – argumenta seu advogado.

Erasmus e Wanderléa onde estão? Não vão reclamar medidas judiciais por terem suas imagens exploradas também? Não será preciso. Roberto Carlos “reivindica direitos absolutos não só sobre a própria história, mas sobre [toda] a jovem guarda.” Tal atitude causa estranhamento porque a dissertação focaliza a moda, a música e o comportamento da juventude daquela época. Não fala da intimidade do cantor, nem de sua perna direita protética – motivo de proibições das obras anteriores. No momento, a autora aguarda resposta de sua contranotificação. E a obra continua nas livrarias.

Não é a primeira vez que Roberto Carlos veta publicações que falam sobre ele. Por ocasião do livro *O rei e eu: minha vida com Roberto Carlos*,

1979, escrito por seu ex-mordomo Nichollas Mariano, pseudônimo de José Mariano, o cantor também recorreu ao tribunal para tirar a obra de circulação. Nesse caso, o autor fazia inconfidências sobre a vida pessoal e amorosa do rei. Escreveu que ele não era muito exigente na escolha de mulheres: “Se estivesse a fim no momento, qualquer uma que aparecesse servia.”

Roberto Carlos em detalhes, 2007, foi a vez da biografia do historiador Paulo César de Araújo. Estava na lista dos mais vendidos e teve cerca de 10.000 exemplares recolhidos, em decorrência de um processo do “rei” contra o autor e a editora. A história de vida de Roberto Carlos nessa obra incluía assuntos bem conhecidos do público, mas três deles são pontos nevrálgicos para o cantor: o acidente nos trilhos, em que ele perdeu parte da perna direita; sua vida íntima; a agonia de Maria Rita com câncer, em 1999.

Escrever sobre Roberto Carlos é tabu. Basta ele saber da publicação de uma obra que faça referência a sua pessoa, em qualquer lugar do país, para aparecer com seus advogados, reivindicando autorização, direitos e indenizações. Pronunciar “rei” ou “majestade” também é perigoso. Roberto Carlos pensa que é com ele. E já quer royalties. Um laticínio no Nordeste teve que mudar de nome. Chamava-se: “Leite do Rei”. Chegamos a uma certeza: O cara não é ele. E o rei Pelé? Como é que fica?

Ruy Castro, outro renomado biógrafo do país, foi processado (1983) e condenado por haver escrito sobre o cantor para a revista *Status*. O pecado: listar as namoradas “famosas” que o “rei” teve. E não “qualquer uma que aparecesse”, como escrevera o ex-mordomo, em 1979.

No Brasil de hoje, biografar “celebridades” é mesmo muito perigoso. Direito autoral e “imagem” se confundem com censura. Isso vale até para notáveis já falecidos: Escrever sobre Guimarães Rosa, Garrincha, Noel Rosa, Raul Seixas e outros – pode desencadear processos indenizatórios por parte de parentes ciosos de suas heranças comerciais, válidas até 70 anos após a morte do autor.

Se fosse sempre assim na vida da humanidade, quanto ao direito autoral e de “imagem”, não teríamos *Vidas paralelas*, de Plutarco, sobre os eminentes da Grécia e Roma antigas; não teríamos, também, a biografia de Samuel Johnson, escrita por James Boswell; saberíamos pouca coisa sobre os franceses Balzac, Victor Hugo ou Chateaubriand; desconheceríamos as histórias horripilantes de Hitler, Stalin e outros de mentes doentias e autoritárias.

Não consigo imaginar que a mestra em moda, Maíra, queira se enriquecer ou “faturar em cima do nome do ‘rei’”. Com a venda de 1.000 exemplares resultantes de uma dissertação de mestrado? “Famosos” também não usam suas “imagens” comercialmente nas propagandas e publicidades, para nos induzir a comprar (aceitar) produtos e ideias alheios

e estranhos às suas criações? Há *engajamento* social (não disse político) dessas celebridades nas muitas desgraças que assolam o país? Ou estão olhando apenas para o próprio umbigo? Não seria o interesse público mais importante que o interesse individual ou privado?

O artigo 20 do Código Civil precisa, urgentemente, ser revisto e aprovado na Câmara e no Senado. Mas a proteção da “imagem pessoal”, tratada nesse artigo, amarra-se ao corporativismo político, temeroso que suas biografias prejudiquem (re)eleições. Assim, estão em choque dois direitos do cidadão: o direito à privacidade com o direito à liberdade de expressão. O primeiro prevalece sobre o segundo: o “direito à história” é derrubado pelo direito à personalidade, “à imagem pessoal”. Entretanto as pessoas públicas deveriam saber que têm menos privacidade que o cidadão comum. Políticos, artistas e celebridades dos Estados Unidos têm a vida vasculhada por estudiosos e pesquisadores. Alguns famosos até pedem (e auxiliam) a publicação da própria biografia. O importante é investigar as várias versões, mesmo as autorizadas, e compará-las, com a menor subjetividade e maior isenção possíveis.

Ao contrário do rei-cantor que tem 100 milhões de discos vendidos no mundo, o polêmico e mago Paulo Coelho não impediu (até facilitou) que o jornalista Fernando Morais expusesse sua vida íntima, suas mentiras e cafajestices quase patológicas em *O mago*, 2008; obra vertida em vários idiomas. Sabe por quê? O autor de *O alquimista* se encontra acima de qualquer biografia e indenização. Não cultivava birra, nem o desejo de aporrinhar quem trabalha intelectualmente, falando sobre ele. Suas obras estão em quase duas centenas de países, traduzidas numa infinidade de línguas. Paulo Coelho é cidadão do mundo. Seu sucesso encobre ou redime relatos constrangedores de seu passado “doidão”. E nem é rei, apenas um mago do texto, encantador de multidões fascinadas com seu tipo de literatura.

Maíra Zimmermann, quando o poder e a “celebridade” sobem à cabeça, o “rei” fica nu de juízo, como se constata em seu caso. Está na hora de deixar o “cara” ofuscar-se em seu próprio brilho.

Goiânia, 8 de maio de 2013.
escritoraercilia@hotmail.com